



Fraga: indicação ajudou a reverter onda de pessimismo

Europeus mostram otimismo com a economia brasileira

Londres - Quando o presidente Fernando Henrique Cardoso posar para fotos ao lado do chanceler alemão, Gerhard Schröder, ou do primeiro-ministro britânico, Tony Blair, durante a visita que fará à Europa na próxima semana, ele estará exibindo um sorriso permitido apenas aos líderes de países emergentes que estão sendo encarados com um certo otimismo pelo mercado financeiro internacional - pouquíssimos aliás.

Mas a velocidade com que essa nova onda de otimismo em relação ao Brasil tem se estabelecido - há algumas semanas apenas os cenários eram os piores possíveis - tem surpreendido até os próprios analistas internacionais. A agência britânica Economist Inteligente Unit (EIU) está revendo suas previsões de inflação para o ano, de 20% (Fipe) para cerca de 10%, "possivelmente para abaixo de 10%". Mesmo tendo apostado em um índice relativamente otimista para a inflação brasileira - 12% ao ano - o banco espanhol BBV (Bil-

bao Viscaya) já fala agora em 11,2%.

"A mudança de sentimento em relação ao Brasil foi bastante abrupta", afirmou o analista de Brasil da EIU, John Bowler. Ele atribui essa mudança a uma série de fatores, como a nomeação de Armínio Fraga para a presidência do Banco Central, a aprovação das medidas de ajuste fiscal no Congresso, assim como a bem sucedida renegociação do acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o compromisso dos bancos estrangeiros de manter as linhas de crédito.

Mas o que mais tem surpreendido os analistas está sendo a não materialização da explosão inflacionária. "O repasse da desvalorização para a inflação tem sido, até o momento, inacreditavelmente baixo". Ele explica que isso só foi possível devido a forte retração da economia brasileira.

Mas se a onda de otimismo está fazendo a EIU rever suas previsões de inflação e também de queda do

juros, as previsões em relação às taxas de crescimento permanecem inalteradas, na casa dos -5,5% do Produto Interno Bruto (PIB). "Acho prematuro rever esta previsão, 1999 ainda vai ser um ano difícil", disse Bowler.

Apesar de achar que Fernando Henrique pode celebrar os seus primeiros 100 dias de Governo Bowler recomenda cautela. "Este ano não vai ser inteiramente cor de rosa. Vai ter dias em que as pessoas vão ficar novamente preocupadas como Brasil", disse. Para que o país possa prolongar a confiança externa, será preciso o Governo demonstrar ser capaz de materializar seu compromisso com as finanças públicas. Se o Governo não conseguir dar sinais de progresso no andamento das reformas estruturais (fiscal, previdência, política, entre outras) a situação, na sua opinião, poderá se reverter.

A visão é compartilhada pela economista Amália Estenssoro, do BBV. "Da mesma forma que as

expectativas ficam favoráveis de uma hora para a outra, elas podem virar se não houver um compromisso de reforma no longo prazo", afirmou. "O Governo conseguiu mudar as expectativas no curto prazo. Agora falta fazer o ajuste fiscal que ficou faltando no primeiro mandato".

O banco está revendo sua previsão de crescimento que era de -4% do PIB e agora vai "melhorar um pouco", e também do ritmo do corte de juro. As previsões do banco, sobretudo de inflação, já eram moderadas pois os analistas estavam confiantes de que o Governo ia adotar as medidas ortodoxas que foram adotadas pelo novo presidente do Banco Central. Mesmo assim, a velocidade da recuperação do Brasil não deixa de impressionar. "O que chama a atenção é que as incertezas estão se dissipando mais rápido do que pensávamos. É surpreendente".

MARIANA BARBOSA

Correspondente do JORNAL DE BRASÍLIA